



Crianças invisíveis: uma análise das vozes silenciadas à luz das teorias de Bakhtin e Fairclough

Invisible children: an analysis of silenced voices in light of Bakhtin and Fairclough's theories

ROGÉRIA FATIMA MADALAZ

ORCID: 0000-0002-1928-2277
Universidades de Cruz Alta
Brasil

SIRLEI DE LOURDES LAUXEN

ORCID: 0000-0002-8260-0039
Universidades de Cruz Alta
Brasil

ANTONIO ESCANDIEL DE SOUZA

ORCID: 0000-0001-6531-3794
Universidades de Cruz Alta
Brasil

JOICE NARA ROSA SILVA

ORCID: 0009-0006-0980-0807
Universidades de Cruz Alta
Brasil

CARLA R. DA SILVA TAVARES A.

ORCID: 0000-0001-5295-0305
Universidades de Cruz Alta
Brasil

Recebido: 17 de maio de 2024 | Aceito: 20 de janeiro de 2025

DOI: 10.35956/v.25.n2.2025.p.215-232

RESUMO

Este estudo teve como propósito a análise das vozes de crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica no filme "Crianças Invisíveis", utilizando como referencial teórico as abordagens de Bakhtin e Fairclough. Os objetivos específicos incluíram a exploração das influências nas vozes infantis advindas de interações com comunidades, famílias e sistemas sociais, assim como a destacada perspectiva da criança de rua como exemplificação da complexidade dessas vozes. A abordagem metodológica adotada foi de natureza qualitativa, centrada na análise das diversas vozes presentes no contexto social do filme, selecionando cenas que retratam as interações das crianças com seus ambientes. As teorias de Bakhtin e Fairclough forneceram uma perspectiva valiosa para a análise proposta. Como conclusão, evidenciou-se a necessidade contínua de estabelecer espaços seguros e inclusivos, possibilitando que as crianças expressem suas vozes e atuem como agentes ativos em suas próprias vidas e comunidades.

PALAVRAS CHAVE: *Crianças invisíveis. Dialogismo. Filme. Polifonia. Teoria de Bakhtin.*

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar las voces de niños en situación de vulnerabilidad socioeconómica en la película "Niños invisibles", utilizando como marco teórico los enfoques de Bakhtin y Fairclough. Los objetivos específicos incluyeron explorar las influencias en las voces de los niños que surgen de las interacciones con comunidades, familias y sistemas sociales, así como resaltar la perspectiva de los niños de la calle como un ejemplo de la complejidad de estas voces. El enfoque metodológico adoptado fue de carácter cualitativo, centrado en el análisis de las diferentes voces presentes en el contexto social de la película, seleccionando escenas que retratan las interacciones de los niños con su entorno. Las teorías de Bakhtin y Fairclough proporcionaron una perspectiva valiosa para el análisis propuesto. En conclusión, se destacó la necesidad constante de establecer espacios seguros e inclusivos que permitan a los niños expresar sus voces y actuar como agentes activos en sus propias vidas y comunidades.

PALABRAS CLAVE: *Niños invisibles. Dialogismo. Película. Polifonía. La teoría de Bajtin.*

ABSTRACT

This study aimed to analyze the voices of children in situations of socioeconomic vulnerability in the film "Invisible Children", using Bakhtin and Fairclough's approaches as a theoretical framework. Specific objectives included exploring the influences on children's voices arising from interactions with communities, families and social systems, as well as highlighting the perspective of street children as an example of the complexity of these voices. The methodological approach adopted was qualitative in nature, centered on the analysis of the different voices present in the social context of the film, selecting scenes that portray children's interactions with their environments.

The theories of Bakhtin and Fairclough provided a valuable perspective for the proposed analysis. In conclusion, the ongoing need to establish safe and inclusive spaces was highlighted, enabling children to express their voices and act as active agents in their own lives and communities

KEYWORDS: *Bakhtin's theory. Dialogism. Film. Invisible children. Polyphony.*

Introdução

"Crianças Invisíveis" é um filme composto por sete curtas-metragens, dirigidos por renomados cineastas de todo o mundo, incluindo Emir Kusturica, Spike Lee e Ridley Scott. Lançado em 2005, o filme destaca questões relacionadas aos direitos das crianças em diferentes partes do mundo. Cada curta-metragem conta uma história única e emocionante, abordando temas como pobreza, exploração, abuso e negligência, que afetam as vidas das crianças em diferentes contextos culturais e sociais. O filme retrata a resiliência das crianças diante das adversidades e destacam a importância de reconhecer e proteger seus direitos, independentemente de sua origem ou situação socioeconômica, dessa forma estimulando a reflexão sobre a necessidade de ação para melhorar suas vidas e garantir um futuro promissor para todas as crianças.

Este artigo propõe explorar a temática complexa e multifacetada das vozes infantis "invisíveis", examinando como as crianças em situações de exclusão social são capazes de resistir à adversidade, formar identidades resilientes e encontrar solidariedade, mesmo nos ambientes mais difíceis.

Ao adotarmos a perspectiva teórica da polifonia e dialogismo de Bakhtin (1999) e Fairclough (2001), este estudo investiga como as vozes infantis são formadas pelas interações com suas comunidades, famílias e sistemas sociais. Além disso, examinamos de perto a perspectiva da criança de rua, uma das vozes mais esquecidas, para entender como essa experiência singular é formada, não apenas por suas próprias vivências, mas também por interações dinâmicas com outros indivíduos à margem da sociedade. Ao dar voz a essas experiências, este artigo busca contribuir para "a ocorrência de" um diálogo mais amplo e inclusivo sobre justiça social, igualdade de oportunidades e respeito pelos direitos fundamentais de todas as crianças, independentemente de seu contexto socioeconômico.

1. Crianças invisíveis

Crianças Invisíveis é um filme colaborativo composto por cinco episódios, dirigidos por cineastas renomados de diferentes nacionalidades e comissionado pela UNICEF. A obra aborda as condições de vida de crianças em diversas partes do mundo, expondo as dificuldades que enfrentam devido à violência, exploração, negligência e a falta de perspectivas. Ao retratar realidades de pobreza extrema, guerra e marginalização, o filme provoca uma reflexão crítica sobre a infância vulnerável e a urgência de mudanças sociais e políticas para garantir um futuro mais justo e igualitário.

O filme não apenas narra histórias de crianças em situações extremas, mas também serve como um reflexo das estruturas sociais, políticas e econômicas que permeiam essas experiências. A complexidade das vozes infantis é explorada à luz da teoria de Bakhtin (1999) sobre polifonia, além dos conceitos de Fairclough (2001) sobre discurso e construção da identidade social. Essas perspectivas teóricas ajudam a compreender a multiplicidade de vozes presentes nas histórias, cada uma refletindo uma interação dinâmica com as estruturas de poder e as condições socioeconômicas que as moldam.

Um dos episódios mais impactantes é *Tanza*, dirigido por Mehdi Charef, que trata da realidade de crianças-soldado em um país africano durante uma guerra civil. A narrativa mostra Tanza, um garoto forçado a se tornar soldado, plantando explosivos em uma escola. Durante uma missão, ele se encontra em uma sala de aula e, ao olhar para um quadro negro com perguntas, reflete sobre o que poderia ter sido sua vida, se não tivesse sido capturado pelo ciclo de violência. A fala de Tanza,

em lágrimas, ao se questionar sobre sua vida como criança, revela o conflito interno entre os valores impostos pelo seu contexto e o desejo de uma infância normal. A frase de Tanza, "Eu queria estar na escola, eu queria ser uma criança," sintetiza a dor de alguém arrancado da infância.

Sob a ótica de Bakhtin (199), o episódio de Tanza exemplifica como a voz infantil é marcada pelas interações sociais e pela violência de seu ambiente. As experiências de crianças como Tanza não podem ser vistas como histórias isoladas, mas como expressões de um diálogo contínuo entre as múltiplas vozes que constroem sua identidade, como a dos líderes que o manipulam, das vítimas da guerra e das normas que regem o conflito. Cada uma dessas vozes contribui para a formação do ser de Tanza, entrelaçando sua experiência de sofrimento com a luta interna pela preservação de sua humanidade.

Além disso, a teoria de Fairclough ajuda a compreender como o discurso e as práticas sociais moldam a identidade das crianças em situação de vulnerabilidade. O discurso de Tanza, em que ele é forçado a adotar o papel de soldado em um ambiente de guerra, é resultado de um sistema de relações sociais desiguais e violentas, que moldam sua visão de mundo e sua identidade. O filme revela como a estrutura social impõe discursos de marginalização e controle, transformando as crianças em vítimas invisíveis para as sociedades que as cercam.

Outro segmento que amplia essa reflexão é *Bilu e João*, dirigido por Kátia Lund, que retrata a vida de duas crianças nas ruas de São Paulo, coletando materiais recicláveis para sobreviver. Em uma cena emblemática, as crianças utilizam um carrinho para transportar sucata, uma metáfora visual para sua luta pela sobrevivência. O diálogo entre Bilu e João reflete como suas vozes são formadas e transformadas pelas experiências cotidianas de exclusão social e pobreza. A fala de João, "Se a gente juntar tudo, dá pra comprar um pão," ilustra a precariedade de sua vida e o modo como eles negociam o significado da infância em um contexto de sobrevivência. Nesse caso, a palavra não apenas comunica necessidades imediatas, mas também carrega o peso de uma sociedade que nega às crianças o direito a uma vida plena.

A perspectiva de Fairclough (2001), que entende o discurso como um reflexo e uma ferramenta para a transformação social, torna-se evidente na análise das interações e das narrativas apresentadas no filme. As palavras e ações de Bilu e João evidenciam como as estruturas sociais operam para marginalizar crianças em situação de vulnerabilidade, forçando-as a viver em condições que roubam a essência da infância, substituindo-a por uma luta constante pela sobrevivência. O filme se configura, assim, como um chamado urgente à ação, utilizando a linguagem cinematográfica para expor as dinâmicas de poder, exclusão e controle que permeiam essas realidades.

Sob a perspectiva dialógica de Bakhtin (1999), a palavra é essencial para desvendar as complexas interações sociais que moldam as identidades das crianças. Cada diálogo, seja entre as crianças ou com o meio que as circunda, reflete como os sistemas de poder e as normas sociais influenciam suas experiências e trajetórias de vida. Nesse sentido, a obra não apenas expõe as cicatrizes deixadas por uma infância fragilizada, mas também convoca a sociedade a adotar uma postura crítica e responsável, reconhecendo seu papel na transformação das estruturas que perpetuam a desigualdade. Exemplos como a invisibilidade das crianças em espaços institucionais ou a falta de políticas públicas efetivas reforçam a urgência de intervenções que promovam uma infância digna, equitativa e inclusiva.

O filme enfatiza a necessidade urgente de criar oportunidades para crianças em situação de vulnerabilidade, destacando que a transformação de suas realidades exige ação coletiva, conscientização social e um compromisso efetivo com a preservação da infância como um período essencial

de desenvolvimento, aprendizado e liberdade. Essa reflexão dialoga com a teoria de Bakhtin (1999), segundo a qual a compreensão de cada palavra implica uma resposta interna, configurando uma réplica que reflete nossa interação com o discurso. Assim, quanto mais densas e significativas forem essas réplicas, mais profunda será nossa capacidade de interpretar e responder às necessidades dessas crianças, reforçando a importância de ações concretas para reverter os desafios que enfrentam.

Para Fairclough (2001), a palavra não é uma construção individualizada, pois, por meio do discurso, o indivíduo constrói sua identidade social, por intermédio das relações sociais entre as pessoas, o conhecimento e as crenças vão sendo construídas. O indivíduo reflete em seus discursos o meio em que está inserido. Porém, consegue transformá-lo, através de uma relação dialética com a estrutura social.

Um exemplo está em "Bilu e João", dirigido por Kátia Lund. Ambientado nas ruas de São Paulo, o curta retrata o cotidiano de duas crianças que coletam materiais recicláveis para sobreviver. A narrativa ressalta a criatividade e a resiliência de Bilu e João diante da pobreza e da exclusão social. Em uma cena emblemática, as crianças utilizam um carrinho alugado para transportar sucata, uma imagem que simboliza sua determinação em buscar uma vida melhor, mesmo em meio às adversidades.

Como apontam Vera Lúcia Pires e Fátima Andréia Tamanini-Adames, "as vivências de crianças em situação de vulnerabilidade não podem ser dissociadas das relações sociais e culturais que as envolvem, sendo construídas em um processo dinâmico e interativo" (Pires; Tamanini-Adames, 2016).

Nesse sentido, Bakhtin (2010) também nos oferece uma importante contribuição ao afirmar que o sujeito é construído não apenas por sua própria intenção, mas por meio de um processo de interação com o outro, com a linguagem e com as vozes do contexto. Para Bakhtin:

O sujeito de Bakhtin, construído pelo outro, é também um sujeito construído na linguagem, que tem um projeto de fala que não depende só de sua intenção, mas depende do outro: primeiro é o outro com quem fala; depois o outro ideológico, tecido por outros discursos do contexto; ao mesmo tempo, o sujeito é corpo, são as outras vozes que o constituem. (2010: 3).

A teoria bakhtiniana (1999), aliada à perspectiva de Fairclough (2001), é essencial para compreender a dinâmica do sujeito, destacando que a identidade de uma pessoa se edifica através da interação com os outros no âmbito da linguagem. Bakhtin enfatiza que o sujeito não é apenas um indivíduo com suas intenções próprias, mas é formado pelo diálogo com outros indivíduos. Sua identidade não é apenas resultado de sua intenção ao se expressar, mas também das reações e influências do outro com quem se relaciona, além das ideologias e discursos presentes no contexto social. Adicionalmente, o sujeito é percebido como um receptáculo que absorve as vozes e perspectivas alheias, elementos que o constituem como indivíduo dentro de uma estrutura social mais ampla. No contexto do filme "Crianças Invisíveis", essa interpretação ganha vida ao observarmos as histórias das crianças retratadas.

No contexto do filme *Crianças Invisíveis*, essa interpretação ganha vida ao observarmos as histórias das crianças retratadas, que refletem as complexas dinâmicas sociais e a resistência contra as opressões impostas pelas estruturas capitalistas, como afirma Bezerra:

Se por um lado o capitalismo reduz os indivíduos à condição de objetos, por outro também provoca a maior estratificação social e o maior número de conflitos da história da sociedade

humana, gerando vozes e consciências que resistem a tal redução. E Bakhtin afirma que o romance polifônico só pôde realizar-se na era capitalista (Bezerra 2005: 193).

O filme ilustra vividamente a pobreza e as diversas formas de pobreza, exploração laboral e abuso que permeiam as vidas de crianças ao redor do mundo. Essas condições, no entanto, não se limitam a desafios momentâneos. São barreiras estruturais que silenciam vozes e moldam profundamente as identidades das crianças, aprisionando-as em realidades marcadas por exclusão, estigma e falta de oportunidades. O longa evidencia como essas experiências vão além da privação material, destacando a negação das narrativas e vivências dessas crianças, frequentemente silenciadas pela sociedade que as ignora ou pelas circunstâncias opressivas que enfrentam.

No segmento *Jesus Children of America*, dirigido por Spike Lee, somos apresentados à história de Blanca, uma menina de 12 anos que descobre ser portadora do HIV, herdado de seus pais usuários de drogas. Essa narrativa mergulha nos efeitos devastadores do estigma e da discriminação enfrentados por crianças soropositivas, destacando os desafios emocionais e sociais que elas enfrentam. Em uma das cenas mais tocantes, Blanca é confrontada por colegas na escola, um momento que expõe o preconceito e a solidão que ela experimenta diariamente. Esse isolamento imposto pela sociedade, não apenas reforça a exclusão social, mas também afeta profundamente sua autoestima e sua capacidade de se imaginar em um futuro diferente. Blanca é um exemplo vivo de como a negação de uma voz e de um espaço de pertencimento pode limitar drasticamente o potencial de uma criança.

Outro segmento que exemplifica essa realidade é *Ciro*, dirigido por Stefano Veneruso. Situado em Nápoles, Itália, o curta acompanha Ciro, um menino envolvido em pequenos delitos como forma de sobreviver em um ambiente urbano degradado. A história evidencia como a pobreza e a falta de oportunidades podem empurrar jovens para a marginalidade, na qual a sobrevivência é constantemente ameaçada pela violência e pela falta de esperança. Em uma cena significativa, Ciro e seu amigo são perseguidos após um roubo, encapsulando a tensão constante e o perigo que marcam suas vidas. Esse segmento vai além de mostrar a criminalidade juvenil; ele expõe as forças estruturais que criam um ciclo de exclusão, deixando poucas ou nenhuma alternativa para crianças como Ciro.

Essas histórias, embora separadas por contextos culturais e geográficos, convergem em um ponto comum: a luta das crianças para encontrar uma voz em meio à adversidade. De acordo com Freire (1987), a opressão desumaniza tanto o oprimido quanto o opressor, e é apenas por meio da conscientização e da ação transformadora que a liberdade pode ser alcançada. Nesse sentido, o filme nos convida a refletir sobre o papel da sociedade em perpetuar esses ciclos de exclusão e a importância de criar espaços onde as vozes das crianças possam ser ouvidas e valorizadas.

O filme não apenas mostra o quão severo são essas circunstâncias, mas também evidencia a capacidade dessas crianças em se adaptarem à crueldade daqueles que deveriam protegê-las. Mesmo diante de adversidades avassaladoras, persistem em lutar, sonhar e resistir. Suas vozes, embora possam ser silenciadas pela sociedade, ecoam com uma força notável, revelando a profundidade da experiência humana e a resiliência, mesmo nos momentos mais desesperadores. Cyrulnik (2004) ressalta que qualquer pessoa é capaz de desenvolver resiliência. Aqueles que tiveram um início de vida com afeto e segurança possuem mais facilidade para transformar suas dores. No entanto, mesmo os desprovidos desse apoio, podem encontrar uma fonte externa de resiliência, seja um pai, mãe, familiar, vizinho, professor ou amigo, alguém disposto a ouvir atentamente, compreender e, sobretudo, aceitar a criança.

Além disso, o filme nos leva a refletir sobre a responsabilidade coletiva da sociedade em assegurar que essas vozes sejam ouvidas e respeitadas. A supressão das vozes infantis devido à pobreza, exploração e abuso não é apenas uma injustiça individual, é uma falha sistêmica que exige uma resposta global. Somente ao reconhecer e enfrentar essas barreiras podemos, verdadeiramente, permitir que as crianças se expressem e se desenvolvam plenamente, alcançando seu potencial máximo como seres humanos em desenvolvimento.

2. Barreiras e desafios enfrentados pelas crianças

A perspectiva bakhtiniana destaca a importância das vozes individuais e autênticas na construção do conhecimento e na formação da identidade. É dentro desse contexto teórico que analisamos o texto, identificando uma multiplicidade de vozes em interação, cada uma representando uma experiência única e autêntica das crianças em situações de vulnerabilidade ao redor do mundo.

Além disso, a teoria de Fairclough (2001) aprofunda essa análise ao revelar como a pobreza, a exploração laboral e o abuso atuam como vozes suprimidas, impondo suas próprias restrições às experiências das crianças. A pobreza, por exemplo, limita drasticamente o acesso a recursos essenciais, restringindo a capacidade das crianças de expressarem suas necessidades e aspirações de forma plena. A exploração laboral, por sua vez, priva essas crianças da oportunidade de viver uma infância comum, confinando suas vozes ao trabalho forçado e às condições desumanas.

E ainda mais profundamente, o abuso cria um silenciamento profundo, no qual o trauma e o medo impedem essas crianças de compartilharem suas experiências, perpetuando a supressão de suas vozes. Assim, sob a análise conjunta das teorias de Bakhtin (1999), e Fairclough (2001), evidencia-se não apenas a multiplicidade de vozes presentes, mas também a complexidade das forças que suprimem algumas delas, impedindo a plena expressão e participação dessas crianças na sociedade. Scorsolini-Comin e Santos (2010: 3) afirma que,

A palavra, em sua condição de signo, é adquirida no meio social e, uma vez interiorizada pelo sujeito, retorna ao meio social por meio dos processos interacionais, em uma forma diferenciada, o que aproxima Bakhtin das concepções de Vigotski. Ou seja, ela é dialeticamente alterada devido às colorações ideológicas que marcam as condições de produção. O sentido da palavra é totalmente determinado por seu(s) contexto(s), mas esses contextos não se encontram justapostos simplesmente, mas em uma situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto.

Neste caso, as vozes infantis estão representadas pela resiliência do meio onde estão vivendo. Apesar das adversidades, as crianças continuam a lutar pela expressão de suas experiências, sonhos e preocupações. Suas vozes, mesmo que abafadas, persistem como uma resistência ao silêncio imposto pelas barreiras sociais e emocionais. Ainda Scorsolini-Comin e Santos (2010: 4),

Ao destacar o caráter social da palavra, Bakhtin fez referência ao fato de que o desenvolvimento também não se dá ao acaso e de modo individual, como veiculado pelas teorias desenvolvimentais clássicas. Pelo contrário, a linguagem e o desenvolvimento se dão na interação social, no contato da pessoa com seus outros e o meio no qual vivem, sendo a palavra uma expressão possível dessa relação pessoa-cultura.

No contexto bakhtiniano (1999), a transformação social emerge da multiplicidade de vozes que se entrelaçam e dialogam entre si. A superação das barreiras descritas no texto implica em permitir que essas vozes se conectem em um diálogo autêntico, formando uma trama complexa de experiências e perspectivas. É somente quando as vozes das crianças em situação de vulnerabilidade são verdadeiramente ouvidas e respeitadas que podemos romper o ciclo de silêncio e exclusão social.

A teoria de Fairclough (2001) enriquece essa análise ao destacar a importância do poder das vozes na transformação social. Ao dar voz às crianças em situação de vulnerabilidade, abre-se espaço para que cada uma delas contribua não apenas para sua própria realidade, mas também para a sociedade como um todo. Promover um ambiente onde cada voz seja valorizada e tenha o poder de transformar não apenas a sua própria vida, mas também a estrutura social, é essencial para alcançar uma mudança significativa. É nesse diálogo autêntico entre vozes diversas que reside o potencial de uma transformação social verdadeira e inclusiva.

3. Impacto na construção de identidades e narrativas

As vivências de pobreza, exploração laboral e abuso exercem um impacto profundo e duradouro na construção da identidade das crianças, moldando não apenas sua visão de si mesmas, mas também suas expectativas em relação ao mundo que as cerca. A falta de acesso a oportunidades educacionais de qualidade é um fator central nesse processo, contribuindo para a desestabilização da autoestima e da confiança dessas crianças. Esse déficit educacional não apenas compromete o desenvolvimento acadêmico, mas também cria uma barreira para a realização de seus potenciais, gerando sensação de desesperança em relação ao futuro.

No Brasil, dados do UNICEF indicam que, até o início de 2020, 40% das crianças e adolescentes brasileiros viviam em situação de pobreza monetária, e cerca de 12% em pobreza extrema. Esses índices refletem a vulnerabilidade de uma parcela significativa da população infantil, que enfrenta dificuldades no acesso a direitos básicos, incluindo a educação (UNICEF 2020).

A exploração laboral precoce impõe responsabilidades excessivas às crianças e pode distorcer a percepção que elas têm de seu próprio valor. A experiência de ser utilizada como mão de obra em idade tenra pode deixar marcas profundas, tornando-as mais propensas à exploração contínua na vida adulta, perpetuando um ciclo de vulnerabilidade. Estatísticas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) revelam tendências preocupantes de aumento do trabalho infantil no Brasil, com registros de acidentes graves envolvendo menores de 14 anos e áreas mapeadas de risco de tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial (OIT 2021).

Além disso, o trauma resultante do abuso tem implicações significativas na formação da identidade. Afeta negativamente a autoimagem das crianças e compromete sua capacidade de confiar nos outros, configurando-se como um obstáculo ao desenvolvimento saudável. Estudos de Bowlby (1990) sobre o apego indicam que experiências precoces de abuso ou negligência podem comprometer a formação de vínculos seguros, resultando em dificuldades na construção de relacionamentos interpessoais. Esse impacto é agravado pela sensação de insegurança e medo, que molda negativamente a percepção que a criança tem de si mesma e dos outros.

Adicionalmente, Miller (1984), em *O drama da criança bem-dotada*, destaca como o abuso infantil mina a capacidade da criança de desenvolver uma autoimagem positiva. Miller argumenta que crianças

submetidas a abuso frequentemente internalizam a culpa e a vergonha, sentimentos que as acompanham na vida adulta e que podem perpetuar ciclos de retraimento emocional e baixa autovalorização.

Assim, é crucial reconhecer a interconexão dessas experiências adversas e implementar políticas públicas que não apenas atendam às necessidades imediatas, mas também visem à transformação estrutural, proporcionando oportunidades educacionais inclusivas, proteção contra a exploração laboral e apoio integral às vítimas de abuso. Somente através dessas medidas é possível interromper o ciclo de desesperança e vulnerabilidade, permitindo que as crianças construam uma identidade sólida e positiva para enfrentar o futuro. Scorsolini-Comin, Santos (2010: 3) afirma que,

O ser humano seria considerado um intertexto, na medida que não existe isoladamente, já que a sua vida se tece, entrecruza-se e interpenetra-se com a experiência do outro. Os enunciados de um falante estão, sempre e inevitavelmente, atravessados pelas palavras do outro: o discurso elaborado pelo falante constitui e se constitui também do discurso do outro que o atravessa, condicionando o discurso do "eu".

Destaca-se a interconexão intrínseca entre os seres humanos, evidenciando que cada indivíduo é um intertexto, entrelaçado com a experiência dos outros. Isso significa que as palavras, pensamentos e ações de uma pessoa são influenciados e delimitados pelo discurso dos outros, criando uma teia complexa de interações e significados. No contexto das crianças em situação de vulnerabilidade, essa intertextualidade é particularmente relevante.

As experiências adversas, como pobreza, exploração e abuso, moldam profundamente as narrativas das crianças, entrelaçando seus desafios e sofrimentos com momentos de esperança, amor e resiliência. Embora essas dificuldades marquem suas histórias, as crianças demonstram força interior para superar obstáculos e resistir às adversidades. A supressão de suas vozes diante dessas condições ressalta a urgência de criar ambientes seguros e de apoio. Reconhecer não apenas os desafios, mas também a capacidade de superação das crianças, é essencial para promover sua expressão e valorizar suas perspectivas. Isso contribui para um ambiente mais inclusivo e equitativo, permitindo que todas as crianças se desenvolvam plenamente.

4. A teoria bakhtiniana e a ideia de polifonia: ampliando as vozes das crianças em "crianças invisíveis"

A teoria bakhtiniana, desenvolvida pelo filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin, oferece uma lente poderosa para analisar as vozes das crianças no filme "Crianças Invisíveis". No cerne dessa teoria estão os conceitos de polifonia e dialogismo, que são fundamentais para entender a complexidade das vozes infantis e sua interação com o mundo ao seu redor.

A polifonia, segundo Bakhtin, refere-se à multiplicidade de vozes e perspectivas presentes em qualquer discurso ou texto. Em outras palavras, qualquer forma de comunicação é um campo de vozes variadas, cada uma representando uma visão de mundo única. O dialogismo, por sua vez, destaca a natureza interativa da linguagem, onde as vozes estão constantemente em diálogo umas com as outras. O dialogismo reconhece que cada voz é influenciada e moldada pelo contexto social, histórico e cultural em que ocorre, resultando em um intercâmbio dinâmico de significados.

Ao aplicarmos os princípios da polifonia e do dialogismo à análise das vozes das crianças no filme "Crianças Invisíveis", somos capazes de desvendar as complexidades de suas experiências. Cada história no filme representa não apenas a voz da criança protagonista, mas um conjunto de vozes que incluem familiares, amigos, membros da comunidade e figuras de autoridade. Essas vozes entram em diálogo constante, influenciando e definindo as percepções das crianças sobre si mesmas e o mundo ao seu redor.

A polifonia no filme é evidente na diversidade das histórias infantis apresentadas. Cada criança interage com uma gama de personagens, cada um trazendo consigo suas próprias perspectivas e valores. Por exemplo, uma criança de rua pode dialogar com outros colegas de rua, mas também com adultos que ocupam diferentes posições sociais. Essas interações resultam em uma pluralidade de vozes, cada uma contribuindo para a riqueza e complexidade da experiência infantil.

O dialogismo, por sua vez, é observado nas interações dinâmicas entre as vozes das crianças e suas interações com o ambiente ao seu redor. Suas vozes são moldadas pelos sistemas sociais nos quais estão inseridas, incluindo sistemas educacionais, econômicos e culturais. A dialogicidade também é evidente nas trocas emocionais e sociais entre as crianças, à medida que expressam seus medos, esperanças e aspirações em um contexto de relações humanas multifacetadas. Scorsolini-Comin, Santos (2010: 5) diz que,

O conceito de dialogismo assume importância capital à medida que entende a palavra como portadora de um constante dinamismo e o ser humano como agente, isto é, ele não apenas é influenciado pelo meio, como também age ativamente sobre o mesmo, transformando-o. Além disso, do ponto de vista da comunicação, o dialogismo ratifica o conceito de comunicação como interação verbal e não-verbal, não meramente como transmissão da informação. O dialogismo operaria dentro de qualquer produção cultural, seja letrada ou analfabeta, verbal ou não verbal, elitista ou popular.

Dialogismo é um conceito fundamental que reconhece o dinamismo da linguagem e a interação constante entre o ser humano e seu meio ambiente. Isso implica que as vozes das crianças são absorvidas não apenas pelas influências externas, mas também pela sua capacidade ativa de interagir e transformar o mundo ao seu redor. No contexto das vozes infantis em "Crianças Invisíveis", essa interação dinâmica é evidente ao observarmos como as comunidades, famílias e sistemas sociais influenciam e moldam as vozes das crianças de maneiras diversas e significativas.

As comunidades desempenham um papel crucial na formação das vozes infantis, fornecendo um ambiente rico de interações sociais. As normas, valores e tradições absorvidos durante as interações diárias com vizinhos, colegas e líderes comunitários têm um impacto profundo na perspectiva de mundo das crianças. Isso é exemplificado em "Crianças Invisíveis" através das diferentes histórias apresentadas, onde as vozes das crianças são moldadas pelas comunidades solidárias ou empobrecidas em que vivem.

A dinâmica familiar desempenha um papel crucial na autoexpressão das crianças, podendo ser um ambiente de apoio ou desafio, dependendo do incentivo à criatividade ou das restrições impostas. Além disso, os sistemas sociais, como educação, economia e saúde, influenciam fortemente as vozes infantis. A falta de acesso à educação de qualidade ou a discriminação social pode silenciar as crianças, limitando suas oportunidades de expressão. No filme *Crianças Invisíveis*, essas influências

são evidentes nas histórias de crianças que enfrentam barreiras educacionais ou trabalham em condições precárias, ilustrando a complexidade e diversidade das experiências infantis.

5. A construção das vozes infantis dentro da teoria bakhtiniana: uma análise da perspectiva da criança de rua no filme "crianças invisíveis"

A perspectiva de uma criança de rua, apresentada no filme "Crianças Invisíveis", é um exemplo vívido da complexidade das vozes infantis no contexto da polifonia bakhtiniana. A voz dessa criança não é isolada, ela é moldada por uma rede intrincada de interações com outros indivíduos em situação de exclusão social na sociedade. Ao explorar essa dinâmica, podemos entender como a interação de vozes cria uma interconexão de experiências únicas e complexas, cada uma intrinsecamente ligada ao contexto social em que ocorre.

A criança de rua¹, frequentemente invisível aos olhos da sociedade, possui uma voz que ressoa com as experiências de marginalização, pobreza e solidão. A vida nas ruas impõe desafios inimagináveis, desde a busca diária por alimento e abrigo até a luta constante contra o estigma social. A voz dessa criança é forjada por suas próprias vivências, mas também é profundamente influenciada pelas interações com outros indivíduos marginalizados, incluindo outros colegas de rua, mendigos e pessoas em situações semelhantes. Scorsolini-Comin e Santos (2010: 7) afirma que,

O pensamento bakhtiniano permite uma compreensão radical da alteridade, pois apresenta uma visão multirreferenciada, na qual tempo e espaço estão em constante interação no processo de construção eu/outro. Assim, é possível entender o outro de uma maneira original, pois ele é referido não como alguém que está fora de mim, que é estranho a mim, mas como alguém que me constitui, que contribui para o processo de construção de um eu que não me pertence integralmente e que somente existe a partir do olhar do outro. Assim, eu e outro se constroem mutuamente a partir de referenciais temporais e espaciais que os antecedem, são seus contemporâneos e, ao mesmo tempo, são seus herdeiros, no bojo de um processo no qual há múltiplas possibilidades de vir a ser.

A perspectiva bakhtiniana oferece uma compreensão radical da alteridade ao destacar a interação dinâmica entre eu e o outro. Segundo Bakhtin (2010), o outro não é apenas alguém externo a mim, mas uma parte intrínseca da minha identidade, contribuindo para a construção do eu.

1 Sujeitos em desenvolvimento com direitos violados, que utilizam logradouros públicos, áreas degradadas como espaço de moradia ou sobrevivência, de forma permanente e/ou intermitente, em situação de vulnerabilidade e/ou risco pessoal e social pelo rompimento ou fragilidade do cuidado e dos vínculos familiares e comunitários, prioritariamente situação de pobreza e/ou pobreza extrema, dificuldade de acesso e/ou permanência nas políticas públicas, sendo caracterizados por sua heterogeneidade, como gênero, orientação sexual, identidade de gênero, diversidade étnico-racial, religiosa, geracional, territorial, de nacionalidade, de posição política, deficiência, entre outros (Conanda; SN-DCA/MDH; CNER 2017: 27).

Nesse contexto, as vozes das crianças de rua se tornam particularmente significativas, pois são internalizadas não apenas por suas experiências individuais, mas também pelas interações com outros indivíduos excluídos socialmente.

A interação entre as vozes das crianças em situação de rua gera uma complexidade de experiências, sendo que cada interação, compartilhamento de conhecimento e ato de solidariedade contribuem para a formação de suas identidades. Por exemplo, ao trocarem estratégias para encontrar alimento ou orientações sobre locais seguros para passar a noite, não apenas melhoram suas chances de sobrevivência, mas também fortalecem sua percepção do mundo circundante.

Essa interação de vozes não apenas enriquece as experiências individuais, mas estabelece uma rede de histórias compartilhadas. Cada criança em situação de rua traz consigo uma narrativa única, entrelaçando-se em um diálogo constante. A solidariedade entre elas, frequentemente mal compreendida pela sociedade, evidencia a resiliência e a capacidade humana de formar laços mesmo em condições adversas.

A voz da criança em situação de rua, portanto, representa uma síntese singular de suas experiências individuais e das compartilhadas com outros em vulnerabilidade socioeconômica. De acordo com Furtado (2018), em sua obra "Formação Econômica do Brasil", a vulnerabilidade socioeconômica é abordada como uma condição na qual certos grupos ou indivíduos enfrentam riscos agravados devido a fatores sociais e econômicos, destacando as desigualdades estruturais e os desafios no desenvolvimento econômico do Brasil.

Essa narrativa é rica e multifacetada, refletindo não apenas as adversidades, mas também a força, esperança e solidariedade presentes nas vidas dessas crianças. Compreender essas interações de vozes não apenas nos permite adentrar nas complexidades das experiências infantis nas ruas, mas também sublinha a importância de valorizar e proteger essas vozes, oferecendo oportunidades para que sejam ouvidas e reconhecidas na sociedade.

6. Discurso, identidade e vozes infantis: conexões para justiça, inclusão e transformação social

A valorização das vozes das crianças e a construção da identidade social por meio do discurso revelam a centralidade da linguagem na promoção da justiça social e inclusão. A teoria de Bakhtin destaca que as interações dialogadas permitem compreender e dar espaço às narrativas das crianças, historicamente silenciadas, especialmente em contextos de exclusão. Scorsolini-Comin e Santos (2010: 7) apontam que “a linguagem evidencia desigualdades e disputas de poder, transformando o sujeito falante em um agente ativo na construção de significados”. Assim, ao promover o diálogo contínuo e reconhecer as vozes infantis em processos decisórios, conforme garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), cria-se um ambiente que favorece a inclusão e a emancipação social.

Complementarmente, a Análise do Discurso Crítico (ADC) de Fairclough (2001) reforça que o discurso é um meio de construção da realidade social, revelando como estruturas sociopolíticas moldam identidades e perpetuam dinâmicas de poder. Segundo Fairclough (1989), aumentar a consciência sobre como a linguagem contribui para a dominação é o primeiro passo para a emancipação. Bakhtin (1999) contribui ao afirmar que a palavra é uma ponte entre locutor e interlocu-

tor, mediando interações que estruturam a identidade social. Essa construção ocorre por meio de gêneros textuais, como sugere Pires (1997), que os interpreta como práticas sócio-históricas e não apenas formas linguísticas.

O impacto do contexto social na formação da identidade infantil é frequentemente representado simbolicamente em narrativas culturais, como filmes e obras literárias que exploram as múltiplas facetas de infâncias negligenciadas pela violência, pobreza e exclusão. Essas produções não apenas retratam as dificuldades enfrentadas por crianças em contextos adversos, mas também desafiam o público a refletir sobre as desigualdades estruturais que moldam essas experiências. Ao abordar temas como tráfico, trabalho infantil, exploração sexual, fome e marginalização social, essas narrativas expõem como as condições de vulnerabilidade interferem diretamente na construção da identidade infantil, muitas vezes suprimindo direitos básicos, como o de brincar, de sonhar e de vivenciar a infância em sua plenitude.

O conceito de "infância perdida" emerge como um signo ideológico que reflete a substituição do direito ao lúdico pelo imperativo de sobrevivência e adaptação a realidades violentas e opressoras. Em tais contextos, as crianças deixam de ser vistas como sujeitos de direitos e passam a ser percebidas como agentes forçados de resistência. A infância, portanto, é desumanizada, transformando-se em uma fase marcada por privações, responsabilidades precoces e exclusão social. Castilhos (2008: 111-112), referenciando Hall, enfatiza que "as identidades não são estáticas, mas sim construções temporárias, moldadas continuamente por práticas discursivas e pelos contextos sociais em que os indivíduos estão inseridos". Nesse sentido, as identidades dessas crianças refletem a violência simbólica e material presente nos ambientes que habitam.

Ao reconhecer e analisar essas representações, é possível perceber a potência da linguagem e da cultura como ferramentas para a transformação social. Narrativas que denunciam essas realidades funcionam como um convite ao diálogo e à conscientização, desafiando a sociedade a repensar suas práticas e políticas voltadas à infância. Além disso, elas podem criar espaços para a ampliação das vozes das crianças, especialmente daquelas historicamente silenciadas. Quando essas vozes são ouvidas e valorizadas, não apenas se resgata sua dignidade como sujeitos de direitos, mas também se constrói um ambiente em que suas perspectivas são incorporadas em decisões sociais, educacionais e políticas.

Portanto, ao ampliar as vozes das crianças e compreender a linguagem como uma ferramenta de transformação social, promove-se uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária. Isso implica não apenas reconhecer o impacto do contexto social na formação das identidades infantis, mas também adotar ações concretas para enfrentar as causas da exclusão e da desigualdade. A justiça social, nesse contexto, não é apenas uma meta, mas um processo contínuo de empoderamento e de inclusão, no qual as crianças se tornam protagonistas de suas próprias histórias e agentes de transformação em suas comunidades.

Considerações finais

A análise das vozes infantis no filme "Crianças Invisíveis" à luz da teoria de Bakhtin do discurso crítico, aliada à perspectiva de Fairclough, revela a complexidade das experiências vividas por crianças em situações de vulnerabilidade social. A interconexão entre pobreza, exploração laboral e abuso não apenas molda a identidade individual, mas também as narrativas coletivas dessas crianças. A

teoria bakhtiniana destaca a polifonia e o dialogismo como elementos cruciais na compreensão das vozes infantis, ressaltando a importância das interações sociais na formação da identidade. Por sua vez, a teoria de Fairclough contribuiu com uma abordagem integrada, entrelaçando a análise do discurso com a análise social, destacando como as práticas discursivas refletem e moldam as relações de poder na sociedade, influenciando a construção da identidade das crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

O filme oferece uma visão impactante das vidas permeadas por desafios como violência, tráfico, AIDS e vulnerabilidade social, onde a aspiração por uma vida melhor muitas vezes é eclipsada pela luta diária por dignidade. A análise crítica destaca a construção ideológica das diferenças sociais, sublinhando como as identidades são temporariamente moldadas por práticas discursivas.

Este estudo ressalta a necessidade de estabelecer ambientes inclusivos e seguros para que as crianças expressem suas vozes, sendo ouvidas e valorizadas em suas comunidades. Adicionalmente, destaca-se a importância de políticas públicas e práticas sociais voltadas para a promoção da igualdade, justiça e respeito pelos direitos das crianças, assegurando oportunidades equânimes para o pleno desenvolvimento de cada indivíduo. A conjugação desses esforços é essencial para criar um contexto onde as vozes das crianças sejam não apenas reconhecidas, mas verdadeiramente valorizadas, consolidando um caminho em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. 1999. *Marxismo e filosofia da linguagem*: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.

BEZERRA, Paulo. 2005. Polifonia. *Bakhtin*: Conceitos-chave. Rio de Janeiro: Contexto.

BOWLBY, John. 1990. *Attachment: Attachment and Loss*, 2nd ed., vol. 1. Nova York: Basic Books.

BRASIL. 2017. [Disponível na Internet em https://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2017/08/0344c7_4fe2ba1cd6854b649d45d71a6517f80d.pdf]. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Campanha Nacional Criança não é de Rua. *Diretrizes Nacionais para o atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua*, Brasília. [Consulta: 17 fevereiro de 2024].

BRASIL. Nações Unidas. 2021. [Disponível na Internet em <https://brasil.un.org/pt-br/132200-estatisticas-da-oit-indicam-tendencias-preocupantes-de-aumento-do-trabalho-infantil-no>] *Estatísticas da OIT indicam tendências preocupantes de aumento do trabalho infantil no Brasil*. [Consulta: 18 de novembro de 2024].

BRASIL. Nações Unidas. 2022. [Disponível na Internet em <https://brasil.un.org/pt-br/175893-criancas-e-adolescentes-foram-os-mais-afetados-pela-pobreza-no-brasil-na-pandemia>]. *Crianças e adolescentes foram os mais afetados pela pobreza no Brasil na pandemia*. [Consulta: 18 de novembro de 2024].

CASTILHOS, Maria Lúcia. [Disponível na Internet em https://ead.unicruz.edu.br/pluginfile.php/130744/mod_resource/content/1/A%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20de%20identida

des%20de%20estudantes%20de%20licenciatura%20%20-%20CASTILHO_MARA_LUCIA.pdf]. O significado identificacional do discurso de estudantes de licenciatura: revelando identidades. *III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS)*. Dilemas e Desafios na contemporaneidade. [Consulta: 6 dezembro de 2023].

CRIANÇAS Invisíveis. 2005. [Disponível na Internet em <https://www.youtube.com/watch?v=-T51eWnlV9DU>]. Direção: Ridley Scott, John Woo, Jordan Scott. Roteiro Stribor Kusturica, Joie Lee. Festival Veneza: UNICEF. [Consulta: 18 outubro de 2023].

DI FANTE, Maria da Glória Corrêa. 2003. A linguagem em Bakhtin: pontos e pesponto. *Veredas – Rev. Est. Ling. Juiz de Fora*, v.7, n.1 e n.2: 95-111, jan./dez.

FAIRCLOUGH, Norman. 1989. *Language and power*. New York: Longman.

FAIRCLOUGH, Norman. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília.

FURTADO, Celso. 2018. *Formação Econômica do Brasil*. 33ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

LUCENA, Thiago Isaías Nóbrega de. 2009. [Disponível na Internet em file:///C:/Users/Administrator/Downloads/editoresinterlegere,+4836-11645-1-SM.pdf]. Resenha do livro: Os patinhos feios. *Revista Inter-Legere: Leituras Os Patinhos Feios*, n.4, 2. [Consulta: 20 novovembro de 2023].

MILLER, Alice. 1984. *O drama da criança bem-dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. 2010. [Disponível na Internet em <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>]. *Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia: estudos semióticos*. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 2: 66–76. [Consulta: 08 novembro de 2023].

PIRES, Marília Freitas de Campos. [Disponível na Internet em <https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfr4dmSD/?format=pdf&lang=pt>]. *O materialismo histórico-dialético e a educação*. [Consulta: 6 dezembro de 2023].

PONTES, Herimatéia. 2009. [Disponível na Internet em <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9295/8239>]. A construção discursiva de identidades sociais no gênero noticioso. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 10 (2). DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v10i2.9295>. [Consulta: 06 dezembro de 2023].

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. 2010. [Disponível na Internet em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822010000300009&lng=pt&nrm=iso]. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, São Paulo, v. 20, n. 3 : 745-756. [Consulta: 08 novovembro de 2023].

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. 2010. *Intertextualidade e o ser humano como intertexto: implicações para a constituição da identidade*. São Paulo: Educação e Realidade.

ROGÉRIA FATIMA MADALAZ. Possui graduação em Serviço Social pelo Centro Universitário Franciscano. Especialista em Gestão e Políticas em Segurança Pública e Assistência Familiar pela Faculdade Avantis. Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Atualmente encontra-se no Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social Unicruz – Universidade de Cruz Alta.

E-mail: rfmadaloz@gmail.com

JOICE NARA ROSA SILVA. Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande, graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande e mestrado em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Atualmente é bibliotecária-documentalista do Instituto Federal Farroupilha. Presentemente encontra-se no Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social - Unicruz – Universidade de Cruz Alta.

E-mail: joicergs@yahoo.com.br

SIRLEI DE LOURDES LAUXEN. Professora Titular da Universidade de Cruz Alta -UNICRUZ. Coordenadora do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social -Mestrado e Doutorado. Doutora em Educação pela UFRGS, com Estágio pós-doutoral em Educação pela UFRGS/ULisboa. Bolsista PNPd/CAPES. Mestre em Educação pela UPF e Graduada em Pedagogia - Orientação Educacional/Unijuí. Participa da organização de eventos da Universidade. Possui experiência na Educação Básica (ensino fundamental e médio) e no Ensino Superior (Graduação e Pós - Graduação). Tem experiência na área da gestão e docência.

E-mail: slauxen@unicruz.edu.br

CARLA ROSANE DA SILVA TAVARES ALVES. Possui graduação em Letras-Português/ Inglês e respectivas Literaturas pela Associação de Professores de Cruz Alta – APROCRUZ, graduação em Direito pela Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Atualmente é professora adjunta da Universidade de Cruz Alta.

E-mail: ctavares@unicruz.edu.br

ANTONIO ESCANDIEL DE SOUZA. Possui Doutorado em Letras (Linguística Aplicada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS; Mestrado em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM; Especialização em Linguística textual pela Universidade de Cruz Alta, UNICRUZ e graduação em Letras - Licenciatura Português/ Inglês, pela Universidade de Cruz Alta. Professor titular II na Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.

E-mail: asouza@unicruz.edu.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Rogéria Fatima Madaloz: Responsável pela concepção e delineamento do projeto, bem como pela análise e interpretação dos dados. Atuou na redação do artigo e na revisão crítica, garantindo a relevância do conteúdo intelectual. Aprovou a versão final do manuscrito a ser submetido para publicação e assumiu integralmente a responsabilidade pela exatidão e integridade de todas as partes do trabalho. Joice Nara Rosa Silva: Envolvida na concepção e desenvolvimento do projeto, além da análise e interpretação dos dados. Contribuiu para a redação do artigo e a revisão crítica do conteúdo intelectual. Aprovou a versão final do manuscrito para publicação e assumiu a responsabilidade pela precisão e integridade do trabalho em sua totalidade. Sirlei de Lourdes Lauxen: Contribuiu na estruturação do texto e na sugestão de conteúdo. Exerceu o papel de orientadora acadêmica, com destaque para a revisão e correção do trabalho. Carla Rosane da Silva Tavares Alves: Atuou na organização e sugestão de conteúdo, desempenhando o papel de orientadora acadêmica. Realizou a revisão e correção do texto. Antonio Escandiel de Souza: Contribuiu para a estruturação e sugestão de conteúdo, exercendo a função de orientador acadêmico. Foi responsável pela revisão e correção do trabalho.